

MASCULINIDADES PRETAS E PLURAIS: O que jovens do ensino médio de uma escola pública no bairro do Ibura discursam/pensam acerca das bichas pretas na escola?

Cristiano Cavalcante Ferreira ¹

RESUMO

É percebido que a população heteronormativa, mas principalmente os homens, nesse caso homens negros são interpelados desde muito cedo por uma cultura machista, que tem como objetivo principal o investimento em masculinidade dentro de uma lógica masculinista, e que por isso serão repressivos e violentos com outros homens que fujam dessa lógica, nesse sentido, os homossexuais negros serão os principais alvos das violências de gênero em uma cultura de manutenção de masculinidades heteronormativas. Com isso, o trabalho se pretende em analisar os discursos de jovens negros, assumidamente heterossexuais em relação a outros jovens negros homossexuais no ambiente escolar, pois se faz importante investigar a escola, enquanto espaço de socialização, para perceber se há ou não avanços em relação a permanência segura de pessoas LGBTQIA+ nestes espaços. Para tal investigação irei me utilizar da metodologia de pesquisa entrevista semiestruturada na coleta dos dados, assim como para analisar os dados será necessário dialogar com as perspectivas discursivas de Michel Foucault, assim como os percursos teóricos em gênero e sexualidade a partir do próprio Foucault, Guacira Lopes Louro, teórica localizada no campo da educação, assim como Judith Butler, filósofa do campo do gênero e sexualidade e as perspectivas teóricas acerca do conceito de negritude, tendo, principalmente a pesquisadora americana Bell Hooks, que também é do campo da educação.

Palavras-chave: Educação, Gênero, Sexualidade, Negritude, Interseccionalidade

Introdução

Para tal investigação me utilizei da metodologia de pesquisa entrevista semiestruturada na coleta dos dados, assim como para analisar os dados será necessário dialogar com as perspectivas discursivas de Michel Foucault, assim como os percursos teóricos em gênero e sexualidade a partir do próprio Foucault, Guacira Lopes Louro, teórica localizada no campo da educação, assim como Judith Butler, filósofa do campo do gênero e sexualidade e as perspectivas teóricas acerca do conceito de negritude, tendo, principalmente a pesquisadora americana Bell Hooks, que também é do campo da educação.

A homofobia é um problema mundial que afeta muitos indivíduos todos os dias. Especialmente nos últimos anos, houve um aumento significativo no número de casos de homofobia nas escolas. Isso pode ser explicado pelo fato de que as escolas são um ambiente propício para o bullying devido à grande quantidade de indivíduos presentes diariamente. A homofobia na escola é um problema sério, que precisa ser abordado para garantir que todos os

¹ Mestrando em educação PPGedu - UFPE, chryscavalcante@email.com;

alunos sejam tratados com respeito e dignidade. Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos, todas as pessoas, independentemente da sua orientação sexual, têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. No entanto, a homofobia na escola é um problema real e afeta muitos estudantes todos os anos. A homofobia pode ser definida como a aversão, discriminação ou preconceito em relação a indivíduos que não se encaixam nas normas heterossexuais. Isso pode levar ao bullying, à violência e à exclusão social. A homofobia na escola afeta negativamente os estudantes que são vítimas de bullying. Esses alunos são frequentemente ridicularizados, insultados e intimidados pelos colegas. Eles têm dificuldades em se concentrar nas aulas e podem desenvolver problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. A homofobia também pode levar a um sentimento de isolamento e solidão para o aluno, que pode levar ao abandono escolar ou à evasão. Existem várias causas para a homofobia na escola. Uma delas é a falta de compreensão e aceitação da diversidade sexual. Os estudantes podem ter opiniões preconceituosas ou negativas sobre a homossexualidade, baseadas em estereótipos, crenças religiosas ou culturais. Isso pode levar a uma cultura de homofobia na escola, onde a discriminação é aceita como normal. Outra causa da homofobia na escola é a falta de educação sobre diversidade sexual. Muitos professores não estão preparados para lidar com a diversidade sexual em sala de aula e, portanto, não fornecem aos alunos as informações necessárias sobre o assunto, levando a mais estigma e preconceito. Sem educação adequada, muitos estudantes acreditam que a homossexualidade é errada ou anormal e, portanto, tratam seus colegas homossexuais de maneira inadequada. As consequências da homofobia na escola podem ser devastadoras. Os estudantes que sofrem bullying homofóbico têm maior probabilidade de desenvolver problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e até mesmo tentativas de suicídio. Eles também podem experimentar um sentimento de isolamento e exclusão social, o que pode afetar seriamente seu desempenho acadêmico e bem-estar geral. Além disso, a homofobia na escola pode levar à segregação sexual, o que pode levar a uma falta de aceitação, amizade e amor. Esses sentimentos são vitais para o desenvolvimento emocional e psicológico dos estudantes e podem afetar a forma como eles interagem com os outros na escola e em suas vidas. Existem várias soluções possíveis para a homofobia na escola. O primeiro passo é fornecer educação adequada sobre diversidade sexual. Isso pode incluir informação sobre a história e cultura LGBT, bem como a importância da aceitação e tolerância. Essa educação deve ser fornecida para os alunos, professores e funcionários da escola.

Outra solução é criar um ambiente seguro na escola onde os alunos possam discutir abertamente problemas relacionados à diversidade sexual. Isso pode ser feito através da criação de grupos

de apoio e clubes de conversação onde os alunos possam ter certeza de que serão ouvidos e compreendidos. Os professores também devem estar disponíveis para conversar abertamente sobre questões de diversidade sexual e se certificar de que os alunos se sintam seguros em suas aulas. Em conclusão, a homofobia na escola é um problema real e afeta muitos estudantes. É importante que as escolas forneçam educação adequada e criem um ambiente seguro onde todos os alunos se sintam incluídos. Os professores e funcionários da escola têm um papel importante a desempenhar para garantir que todos os alunos sejam tratados com respeito e dignidade, independentemente da sua orientação sexual. É hora de enfrentar a homofobia na escola e garantir que todos os alunos tenham o direito de uma educação segura e justa.

O presente trabalho justifica-se a partir da trajetória do pesquisador enquanto bicha preta, que viveu o ambiente escolar enquanto estudante e hoje continua inserido, pensando e repensando esse mesmo ambiente, enquanto pedagogo e estudante de mestrado, discutindo “a evasão de homossexuais afeminados de periferia das escolas”; Esta pesquisa também se justifica a partir do ativismo pelas causas LGBT, entendendo, que mesmo com alguns avanços, a escola ainda é um espaço desafiador para pessoas LGBTQIAPN+, assim como também é um espaço bastante opressor para a população negra. A pesquisa tem por objetivo geral analisar os discursos de jovens estudantes do ensino médio em relação as bichas pretas na escola e por objetivos específicos identificar a percepção dos jovens estudantes do ensino médio em relação à presença de LGBTQIAPN+ na escola, analisar os estereótipos e preconceitos associados aos estudantes LGBTQIAPN+ negros na escola e investigar a experiência de discriminação e marginalização enfrentadas por pessoas LGBTQIAPN+ negros no ambiente escolar.

Fundamentação teórica

Bell Hooks é uma renomada autora e ativista feminista negra, cujas reflexões sobre o homem negro são fundamentais para entender a luta contra a opressão racial e de gênero. Em suas obras, Bell Hooks aborda as interseções entre raça, gênero e classe, analisando como essas formas de opressão se manifestam na vida dos homens negros. Um ponto central nas reflexões de Bell Hooks é a afirmação de que a masculinidade negra é constantemente estereotipada e reduzida a uma única visão, associada a violência e agressividade. Ela critica a representação do homem negro como uma figura ameaçadora e perigosa, presente tanto na mídia quanto nas práticas policiais. Hooks argumenta que essa representação reforça estereótipos racistas e contribui para a criminalização do homem negro, levando a altos índices de encarceramento. Ao mesmo tempo, Bell Hooks problematiza a masculinidade negra dominante, que muitas vezes é baseada em uma busca incessante por poder e controle. Ela argumenta que essa busca por poder acaba

por alienar os homens negros de suas próprias experiências emocionais e as interações com suas comunidades. Hooks propõe uma masculinidade mais afetiva e cuidadora, que não seja baseada na dominação, mas na cooperação e na construção de relações saudáveis. Outro tema importante nas reflexões de Bell Hooks é a sexualidade masculina negra. Ela critica a objetificação do corpo negro masculino na cultura mainstream, argumentando que essa objetificação não apenas reforça estereótipos racistas, mas também nega a complexidade e diversidade das experiências sexuais dos homens negros. Hooks defende uma visão mais ampla da sexualidade, que reconheça e valorize a variedade de desejos e práticas dos homens negros, sem reduzi-los a meros objetos de fetiche. Além disso, Bell Hooks também analisa a experiência da paternidade entre os homens negros, destacando como a história de opressão e privação econômica afeta as relações familiares. Ela destaca a importância de criar espaços de cuidado e empoderamento para os pais negros, que muitas vezes são marginalizados e responsabilizados por problemas sociais. Hooks argumenta que a luta contra a opressão racial deve incluir a luta pela igualdade de gênero, permitindo que os homens negros sejam pais presentes e carinhosos, livres dos estereótipos de ausência e negligência. Por fim, Bell Hooks enfatiza a necessidade de uma abordagem interseccional na luta contra a opressão. Ela argumenta que a raça, o gênero e a classe não podem ser analisados separadamente, já que essas formas de opressão estão intrinsecamente interligadas. Hooks defende a importância de criar espaços inclusivos e acolhedores para todas as pessoas, independentemente de sua raça, gênero ou classe social, reconhecendo que a luta contra a opressão não deve reforçar hierarquias, mas promover a igualdade e a justiça para todos. Em suas reflexões acerca do homem negro, Bell Hooks oferece uma perspectiva crítica e multifacetada sobre as questões raciais e de gênero, mostrando como essas formas de opressão se entrelaçam e afetam a vida dos homens negros. Suas análises são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, que valorize a diversidade e promova a igualdade de oportunidades para todos.

Metodologia

A coleta de dados para este trabalho se deu através de um encontro coletivo com adolescentes do ensino médio a partir dos 15 anos em uma escola pública do bairro do Ibura, onde foi realizada entrevista semiestruturada em roda de conversa, onde os adolescentes falaram de forma aberta sobre a presença de homossexuais afeminados e negros no espaço escolar em que eles estão inseridos. A entrevista só foi possível, pois a escola disponibilizou uma sala para o encontro, os adolescentes foram convidados de maneira voluntária a falar sobre o tema, nesse sentido percebeu-se uma resistência por parte dos alunos em relação a temática tratada nesse

trabalho, por isso apenas três adolescentes quiseram participar, as suas identidades serão preservadas, assim como o nome da escola também, seguindo normas éticas de pesquisa. A seguir as transcrições realizadas seguem abaixo.

Entrevistador: Olá, primeiramente, obrigado por participarem desta entrevista. Gostaria de ouvir o que vocês pensam sobre homossexuais afeminados e negros no espaço escolar. Por favor.

Interlocutor 1: Sim, estamos prontos.

Entrevistador: Ótimo. Então, vamos lá. Vocês concordam que todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual, têm o direito de serem respeitados no ambiente escolar?

Interlocutor 2: Com certeza! Acredito que todos nós devemos ser tratados com respeito, independentemente de como somos.

Interlocutor 3: Concordo plenamente. A escola deve ser um espaço inclusivo, onde todas as pessoas possam se sentir seguras e acolhidas.

Entrevistador: Isso é muito importante. Agora, levando em consideração a orientação sexual e identidade de gênero, vocês acreditam que homossexuais afeminados enfrentam mais preconceito dentro da escola? Se sim, poderiam compartilhar suas opiniões sobre isso?

Interlocutor 1: Infelizmente, sim. Ainda existem muitas pessoas que reproduzem preconceitos em relação aos homossexuais. Eles sofrem com comentários maldosos, discriminação e até mesmo violência física.

Interlocutor 2: Concordo. A sociedade ainda tem dificuldade em aceitar. Muitas vezes, as pessoas ridicularizam ou menosprezam os homossexuais, principalmente os que tem trejeitos, o que cria um ambiente ruim para eles na escola.

Interlocutor 3: É triste ver como algumas pessoas julgam e discriminam os outros apenas com base na aparência e no comportamento. Os homossexuais têm o direito de se expressar como são e não deveriam ser alvo de preconceito.

Entrevistador: Vocês deram respostas muito interessantes. Agora, como vocês acham que a escola pode promover um ambiente mais inclusivo e acolhedor para os homossexuais afeminados?

Interlocutor 1: Acho que a educação é a chave. A escola deve promover a educação sobre diversidade e respeito. Isso pode ser feito por meio de palestras, projetos educativos e discussões em sala de aula.

Interlocutor 2: Concordo. Também seria importante que a escola tivesse políticas claras de combate à discriminação e ao preconceito, com consequências para quem desrespeitar as pessoas.

Interlocutor 3: Além disso, os professores e funcionários da escola devem ser capacitados para lidar com questões relacionadas à diversidade. Eles precisam estar preparados para intervir e apoiar os estudantes que estão enfrentando qualquer tipo de preconceito.

Entrevistador: Ótimas sugestões! Vocês acreditam que seria importante ter grupos de apoio ou espaços seguros para os homossexuais afeminados compartilharem suas experiências e se apoiarem mutuamente na escola?

Interlocutor 1: Com certeza! Ter um grupo de apoio poderia ajudá-los a se sentirem menos isolados e mais fortalecidos. Eles poderiam compartilhar suas experiências e encontrar apoio entre si.

Interlocutor 2: Concordo também. Além disso, acredito que, ao ver um grupo de estudantes que os apoia, outras pessoas também podem começar a questionar seus próprios preconceitos e a criar um ambiente mais inclusivo.

Interlocutor 3: É importante ter um espaço seguro onde eles possam compartilhar suas vivências sem medo de serem julgados. Esses grupos de apoio podem ser um grande suporte emocional para eles.

Entrevistador: Excelentes pontos de vista. A última pergunta: o que vocês acham que cada um de nós pode fazer individualmente para promover um ambiente escolar mais inclusivo para homossexuais afeminados?

Interlocutor 1: Acho importante questionar nossos próprios preconceitos e aprender mais sobre a diversidade. Precisamos nos educar e ser conscientes de nossos comportamentos em relação aos outros.

Interlocutor 2: Além disso, podemos ser aliados e intervir sempre que presenciarmos algum tipo de preconceito ou discriminação. Não podemos ficar em silêncio diante dessas situações.

Interlocutor 3: Todos nós temos o poder de sermos modelos para os outros. Podemos mostrar respeito e empatia em nossas atitudes diárias, independentemente de quem está ao nosso redor.

Entrevistador: Muito bem! Vocês deram excelentes contribuições para essa conversa. Agradeço a participação de todos e acredito que essa discussão tenha sido muito importante, não só para mim, mas para vocês também. Obrigado!

Análise de Dados

A análise do espaço escolar em relação aos homossexuais afeminados a partir da perspectiva de Michel Foucault é uma questão complexa, que requer uma compreensão profunda das teorias

foucaultianas sobre poder, sexualidade e normatividade. Neste texto, farei uma análise detalhada do espaço escolar, enfocando especificamente os desafios enfrentados pelos indivíduos homossexuais afeminados e como a escola reproduz formas de discriminação e exclusão desses sujeitos. Além disso, também explorarei possíveis resistências e estratégias de subversão dentro desse contexto. Para Foucault, o poder não é concebido como uma entidade transparente e controlada, mas como uma rede de práticas e relações que permeiam todas as esferas da sociedade. O poder não está apenas concentrado nas mãos de algumas instituições ou indivíduos, mas é disseminado em todos os aspectos da vida cotidiana. Na escola, mais especificamente, o poder se manifesta de forma sutil e implícita, instituindo normas e produzindo sujeitos disciplinados e normalizados. No contexto escolar, o poder é exercido por meio de mecanismos disciplinares que regulam o comportamento e a conduta dos estudantes. Esses mecanismos são fundamentais para a manutenção da ordem e para garantir a obediência às normas estabelecidas. No entanto, essas normas muitas vezes reforçam estereótipos de gênero e sexualidade, marginalizando e excluindo aqueles que não se encaixam em padrões heteronormativos. Os homossexuais afeminados frequentemente são alvo de discriminação e preconceito no ambiente escolar. Eles são percebidos como desviantes em relação às normas de masculinidade impostas pela sociedade, e sua existência é frequentemente negada ou reprimida. A escola, como uma instituição disciplinar, busca homogeneizar os corpos e as identidades, excluindo qualquer forma de diferença que ameace a ordem estabelecida. Essa exclusão pode ocorrer de várias formas, desde a violência física e verbal até formas mais sutis de segregação e marginalização. Muitas vezes, os homossexuais afeminados são ridicularizados e estigmatizados por seus colegas de classe, o que pode levar a um isolamento social significativo. Além disso, a escola também contribui para a reprodução desses estereótipos ao não abordar a diversidade de identidades e orientações sexuais de forma positiva e inclusiva. No entanto, apesar das construções e práticas de poder no espaço escolar que excluem os homossexuais afeminados, também é possível encontrar resistências e estratégias de subversão dentro desse contexto. Foucault destaca que o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo. Ele gera formas de resistência que desestabilizam as normas estabelecidas e questionam a lógica do poder. Essas resistências podem ocorrer de diferentes maneiras. Os homossexuais afeminados podem encontrar formas de se conectar e apoiar uns aos outros, formando redes sociais de solidariedade e resistência. Além disso, também é possível encontrar indivíduos que desafiam as normas e expectativas impostas pela sociedade, reivindicando sua identidade e sexualidade de forma aberta e orgulhosa. Há também iniciativas educacionais que trabalham para criar espaços mais inclusivos e acolhedores para os homossexuais afeminados

e outros grupos marginalizados. Elas visam desconstruir estereótipos de gênero e sexualidade e promover a diversidade como algo positivo. Essas iniciativas podem envolver tanto a formação de professores quanto a inclusão de conteúdos relacionados à diversidade sexual nos currículos escolares. A análise do espaço escolar em relação aos homossexuais afeminados, a partir de Foucault, nos permite compreender as dinâmicas de poder presentes nesse contexto e os impactos que elas têm sobre a vida desses sujeitos. Ao destacar as formas de exclusão e discriminação, bem como as possíveis resistências e estratégias de subversão, podemos refletir sobre a necessidade de transformações sociais e educacionais que promovam uma maior inclusão e respeito pela diversidade sexual.

O espaço escolar para homossexuais afeminados, considerando os avanços e retrocessos em relação às políticas educacionais de gênero e sexualidade, a partir da perspectiva teórica de Judith Butler, nos convida a refletir sobre a construção social das identidades de gênero e sexualidade e como elas são reproduzidas e contestadas na escola. Butler é uma filósofa e teórica social que desafia as concepções tradicionais de gênero e sexualidade, destacando que essas categorias são construções sociais e performativas. Para Butler, o gênero não é algo inato ou biologicamente determinado, mas sim uma série de práticas e normas que são continuamente produzidas e mantidas por meio do próprio desempenho e da repetição das ações de gênero. Nesse contexto, o espaço escolar desempenha um papel crucial na construção e perpetuação das normas de gênero e sexualidade, muitas vezes limitando as possibilidades de expressão e vivência de indivíduos que não se encaixam nos padrões heteronormativos. Homossexuais afeminados, por exemplo, são frequentemente marginalizados e estigmatizados, pois desafiam as expectativas e normas de gênero e apresentam uma expressão de gênero que é considerada feminina e, portanto, inadequada para indivíduos designados como masculinos. No entanto, nas últimas décadas, tem havido avanços significativos nas políticas educacionais de gênero e sexualidade, buscando promover espaços mais inclusivos e acolhedores para todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Essas políticas têm como objetivo desafiar as normas heteronormativas e de gênero, promovendo uma cultura escolar mais igualitária e respeitosa. Uma das principais conquistas das políticas educacionais de gênero e sexualidade foi a introdução da educação sexual nas escolas. A educação sexual é uma ferramenta fundamental para fornecer informações precisas sobre diversidade sexual, identidades de gênero e consentimento, além de promover a compreensão e o respeito pela diversidade. No entanto, essas políticas educacionais também têm enfrentado resistências por parte de grupos conservadores que veem a educação sexual como uma ameaça às suas crenças e valores tradicionais. Essas resistências são reflexo de uma visão binária de

gênero e sexualidade, que busca manter as normas de heteronormatividade e cisnormatividade. A perspectiva de Butler nos leva a questionar essas concepções binárias e a entender que a identidade de gênero e a orientação sexual são fluidas e diversas. Ao desafiar as normas e expectativas de gênero e sexualidade, os homossexuais afeminados estão subvertendo as normas estabelecidas e reivindicando o seu direito de existir e se expressar em sua plenitude. Os avanços nas políticas educacionais de gênero e sexualidade também estão amparados pelo reconhecimento da importância dos estudos de gênero nas escolas. Esses estudos destacam a influência das estruturas sociais e culturais na construção das identidades de gênero e sexualidade, permitindo uma análise mais crítica e inclusiva dessas questões. No entanto, ainda existem desafios e retrocessos nesse campo. Um dos retrocessos ocorre quando as políticas educacionais voltadas para a diversidade sexual são entendidas e promovidas como uma ameaça à família tradicional, à moralidade e aos valores religiosos. Esse discurso conservador busca manter a hegemonia das normas heteronormativas e restringir as possibilidades de expressão e vivência de identidades e orientações não normativas. Outro retrocesso ocorre quando as políticas educacionais de gênero e sexualidade são implementadas de maneira superficial e descontextualizada, sem considerar a complexidade das questões envolvidas e sem a devida formação dos profissionais da educação. Isso pode levar a abordagens simplistas que não promovem uma compreensão adequada da diversidade de identidades de gênero e sexualidade, reforçando estereótipos e preconceitos. Para combater esses retrocessos, é necessário promover um diálogo aberto e inclusivo entre todos os atores envolvidos no ambiente escolar, incluindo estudantes, professores, pais e responsáveis, bem como elaborar políticas educacionais que sejam verdadeiramente inclusivas e reflexivas. Além disso, é fundamental fornecer apoio e recursos adequados para os profissionais da educação, capacitando-os para lidar com questões de gênero e sexualidade de forma ética e responsável.

Já na análise do espaço escolar para homossexuais afeminados negros, considerando os avanços e retrocessos em relação às políticas educacionais de gênero e sexualidade, com base teórica em Bell Hooks, a mesma nos convida a refletir sobre a interseccionalidade das identidades de raça, gênero e sexualidade e como elas são abordadas (ou negligenciadas) no contexto educacional. Ela critica o essencialismo e destaca a necessidade de entender as experiências complexas e inter-relacionadas das pessoas, levando em consideração a interação das categorias de gênero, raça e classe, entre outras.

No caso dos homossexuais afeminados negros, é fundamental reconhecer as múltiplas dimensões de sua identidade e como essas dimensões se entrelaçam para influenciar suas vivências e experiências na escola. Esses estudantes enfrentam desafios específicos decorrentes

dos estigmas sociais e das opressões relacionadas à sua raça, gênero e sexualidade. Os avanços nas políticas educacionais de gênero e sexualidade têm buscado promover um ambiente escolar mais inclusivo para todos os estudantes, independente de sua orientação sexual e identidade de gênero. No entanto, é importante questionar até que ponto essas políticas consideram a interseccionalidade das identidades e abordam as experiências específicas dos homossexuais afeminados negros. Um dos desafios na implementação de políticas educacionais de gênero e sexualidade é a falta de inclusão da perspectiva interseccional. Muitas vezes, as políticas e as intervenções pedagógicas não levam em consideração a forma como a raça e o gênero influenciam as experiências e vivências das pessoas. Isso pode levar a uma abordagem superficial e simplista das questões relacionadas à sexualidade e identidade de gênero. Além disso, a falta de representatividade é um dos retrocessos enfrentados na escola. A mídia, os currículos escolares e até mesmo a formação dos professores muitas vezes negligenciam ou omitem representações e narrativas de homossexuais afeminados negros. Isso cria um ambiente escolar onde esses estudantes não se sentem reconhecidos, valorizados ou representados. A invisibilidade e a falta de representatividade podem reforçar o sentimento de isolamento e a perpetuação dos estereótipos negativos. Outro retrocesso é a persistência de estereótipos racistas e homofóbicos que afetam diretamente os homossexuais afeminados negros. Esses estudantes podem enfrentar discriminação, bullying e preconceito tanto pelo fato de serem homossexuais quanto por serem negros. Esses estereótipos podem ser reforçados por parte dos colegas, professores e até mesmo dos próprios materiais didáticos utilizados na escola. Para superar esses retrocessos, é necessário que as políticas educacionais de gênero e sexualidade sejam interseccionais, valorizando a diversidade e reconhecendo as experiências específicas dos homossexuais afeminados negros. Isso requer uma abordagem que permita uma análise crítica das opressões interligadas e uma inclusão efetiva desses estudantes nos currículos, nas representações midiáticas e nos espaços escolares de tomada de decisão. Outro aspecto importante é a formação dos profissionais da educação, para que estejam capacitados a lidar com as questões interseccionais de forma sensível e inclusiva. Isso inclui o desenvolvimento de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e promovam um ambiente de aprendizado livre de estereótipos e preconceitos. Por fim, é necessário estabelecer parcerias entre a escola, a família e a comunidade, para criar um ambiente escolar mais acolhedor e seguro para os homossexuais afeminados negros. Essas parcerias podem envolver palestras, grupos de apoio, capacitações e outras iniciativas que promovam a consciência, respeito e valorização da diversidade. Em suma, a análise do espaço escolar para homossexuais afeminados negros, nos convida a reconhecer e enfrentar as complexas formas de opressões e desigualdades que esses

estudantes enfrentam. Isso requer uma abordagem interseccional que leve em consideração as interconexões das categorias de raça, gênero e sexualidade, bem como uma transformação das políticas educacionais, dos currículos, das práticas pedagógicas e das relações de poder presentes na escola, a fim de promover um ambiente escolar mais inclusivo, acolhedor e verdadeiramente igualitário para todos os estudantes.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero, Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013;

Conrado, Mônica; Ribeiro, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(1): 73-97, janeiro-abril/2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011;

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017;

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Prandi, Reginaldo; Santos, Renan William dos **Quem tem medo da bancada evangélica?** Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2, agosto, 2017.

CADERNO escola sem homofobia. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf>.

Acessado em: 05/05/2023.